

Michel Laub. *Solução de dois Estados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 243 p.

A tensão entre identidade e mascaramento gera um diálogo produtivo entre o texto *Solução de Dois Estados* (2020), de Michel Laub e a capa com o quadro *Carteira de Identidade* (1965), de Rubens Gerchman, um de seus paratextos. Tais assuntos são benquistos à literatura brasileira contemporânea devido ao seu foco voltado para a sociedade atual como cenário e contexto. A obra *Solução de Dois Estados* mobiliza diversos temas vigentes, fazendo que seja uma leitura desconfortável, angustiante e de tirar o fôlego. A gordofobia, a ascensão da doutrina evangélica e do conservadorismo, a misoginia, o *bullying*, a moralização sobre o conceito de arte, a mobilização e a manipulação pelas mídias sociais (*YouTube* e *Whatsapp*), a exposição pessoal (*Big Brother Brasil* e *Instagram*) e o monopólio dos bancos são temáticas que percorrem as vidas dos irmãos Tomazini e de boa parte dos brasileiros. Contudo, o livro não dá respostas e nem encontra soluções para os problemas gerados por essas questões, e sim escancara o sentimento que permeia em todos eles: o ódio.

A obra possui três personagens principais: movido pelo trauma da ruína do pai, Alexandre é um “homem de bem” e dono do Império; movida pelo trauma do *bullying*, Raquel é artista performática e usa a arte para se expressar sobre o ódio ao seu corpo e ao preconceito que existe sobre ele; movida pelo trauma da morte do marido, Brenda é cineasta alemã que dirige um decálogo documental sobre intolerância e violência, chamado *Solução de Dois Estados*. Brenda viaja para o Brasil para filmar um documentário pertencente ao decálogo sobre os irmãos Raquel e Alexandre, após o espancamento com uma barra de ferro sofrido por Raquel durante um simpósio em um hotel de luxo por um homem ligado a Alexandre. Em alguns momentos, a documentarista ultrapassa o papel de artista e torna-se psicóloga e até mesmo detetive, uma vez que ela se envolve com a história e não sai ilesa desse contato com os irmãos. Alexandre é machista, bruto ao falar, ignorante, dono da moral e dos bons costumes.

Ele acusa Raquel de fugir do assunto, de enrolar e de ser omissa. Mas o que se percebe é o contrário: ela é combativa, tem o objetivo de tocar na ferida dos outros e nas suas próprias. Um irmão culpa o outro pelos acontecimentos em suas vidas e não há espaço para o perdão.

A intriga do romance se desenvolve a partir da cena de agressão de Raquel e é recuperada a história da família a fim de explicar e de decifrar esse acontecimento. Começando pela infância, Raquel sofria *bullying* e recebeu o apelido de Vaca Mocha na escola, da série de livros *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Traumatizada, ela decide morar na Europa para estudar artes, sendo acusada pelo irmão de gastar o dinheiro da família. A situação financeira familiar se agrava quando o Plano Collor congela as poupanças, a empresa do pai fica falida e ele, desempregado aos 60 anos. A cena de sua queda ao saber do Plano Collor pode ser relacionada às várias quedas presentes no livro *Diário da Queda* (2011), também de Michel Laub. O pai falece e Alexandre cuida da mãe em depressão. Raquel volta da Europa e é surpreendida com uma cobrança em planilha do Excel do irmão devido às despesas altas dela e da mãe, fato que fragiliza a relação familiar, fazendo que eles dividam o dinheiro da família. Se sentindo injustiçado, Alexandre sai de casa e, como estudante de educação física, começa a estagiar em uma escola de periferia, presenciando a pobreza brasileira e, junto com o pastor Duílio, cria o Império. Devido à uma briga relacionada à dinheiro, ele corta laços com a sua mãe; depois se casa, tem filhos e torna-se empresário de sucesso. Já Raquel cuida de sua mãe, fica famosa como artista performática e encontra dificuldade para se relacionar emocionalmente com as pessoas. A mãe deles morre e Raquel chama seu irmão de miliciano na frente de seus filhos no enterro. Ele entra na justiça para que haja uma divisão das joias da mãe, que eram usadas por Raquel em seus vídeos. Os detalhes e opiniões sobre esses acontecimentos são revelados durante as entrevistas, desvendando muitas fraturas e ressentimentos na relação dos irmãos.

As personagens são desveladas diretamente por suas falas, e o narrador age como o transcritor de entrevistas para um documentário, sendo possível compreender suas visões de mundo a partir de sua linguagem. Não são entrevistas editadas (contudo, há alguns recortes nas entrevistas, demonstrados pelo “[...]”) e nem um documentário pronto. Os mesmos eventos são contados pelos dois irmãos, cada um com seu ponto de vista da história. As informações sobre as personagens e sobre os fatos não são dadas de

maneira linear ou cronológica, gerando a sensação de mistério e demandando que o leitor monte o quebra-cabeça. Sabemos no início do livro que Raquel quase foi assassinada em um evento no hotel Standard. Depois de muitas páginas, ficamos sabendo que o assassino é Jessé, um homem periférico, ex-alcoólatra, que perdeu a filha e que frequenta o Império, não havendo relação explícita entre ele e Raquel. Apenas no final do livro sabemos que Alexandre fazia vídeos incitando a violência contra a pornografia, e que Raquel fazia vídeos pornográficos, o que denuncia a influência do irmão para o cometimento desse crime. Raquel também levanta a hipótese de Alexandre ter encomendado o espancamento. Além disso, causa estranhamento o fato de que ninguém tentou impedir Jessé de espancar Raquel. Sabe-se ao final do livro que, além de ela ser artista performática, ela fazia vídeos pornográficos sadomasoquistas, dando margem para que os espectadores do Standard pensassem que fosse mais uma de suas performances.

Os trechos das entrevistas são intercalados em diferentes materiais para um documentário: o material bruto gravado, o material pré-editado e o material extra a inserir. Laub é inventivo em suas obras, projetando um hibridismo literário: em *Diário da Queda* (2011), a escrita é semelhante aos versículos da Bíblia, com parágrafos curtos e numerados; em *O Tribunal da Quinta-feira* (2016), a escrita é a partir de capítulos curtos e trechos de e-mails e em *Solução de Dois Estados* (2020), os capítulos são partes de um documentário, proporcionando a sensação para o leitor de que ele está diante do documento bruto de Brenda para produzir o filme.

É possível identificar o Império como uma mistura de culto ao corpo “perfeito” com a promessa de transformação em uma pessoa “melhor” a partir da religião neopentecostal, dois assuntos que estão muito presentes em nosso cotidiano. Ele é um esquema de pirâmide financeira que age em bairros de periferia, possuidor de vinte mil inscritos e dezoito academias. As pessoas consideradas “degeneradas” – gays, prostitutas, alcoólatras, depressivos, desempregados, etc. – pagam mensalidade, fazem academia e/ou esportes e são iniciados na “transformação”, em troca de uma promessa de salvação. O Império auxilia os inscritos com seus problemas e dá suporte a eles de acordo com o tempo em que eles estão inscritos, como um programa de fidelidade. Quanto mais tempo de associado, mais respaldo ganha do Império. O pastor Duílio Aleluia e Alexandre têm uma postura extremamente preconceituosa, usando textos bíblicos como

o de Sodoma e Gomorra para manipular seus fiéis. O pastor possui um programa e Alexandre grava vídeos que são espalhados em grupos de *WhatsApp*, sendo alguns sobre sua mãe (que teria sido “usurpada” pela irmã) e sobre pornografia (“o maior problema do mundo”).

Na narrativa, não são mencionados o nome da mãe, do pai, da esposa e dos filhos de Alexandre. Por outro lado, aparecem os nomes de alguns personagens secundários, como Jessé (espancador de Raquel), Duílio (pastor sócio de Alexandre) e Sandro (esposo morto de Brenda). Não dar nome a algumas personagens é uma característica discursiva de Laub, pois também está presente em *Diário da Queda* (2011). Nesse romance, a falta de nome próprio pode simbolizar o trauma coletivo de Auschwitz, não sendo apenas da família do narrador, mas de qualquer família judaica. Já em *Solução de Dois Estados*, a falta de nome próprio pode acusar que essas personagens não afetam diretamente a narrativa, ou seja, nenhum ato delas faz com que a história mude de sentido, ou que elas, por possuírem características e ações bastantes comuns, podem ser qualquer pessoa.

O debate sobre o que é arte é colocado em jogo no texto a partir do momento em que o leitor sabe que a arte produzida por Raquel, que inicialmente aparentava ser constituída de obras políticas mais tradicionais, que mostravam a realidade da população periférica brasileira (imagens de faxineiras e meninos de rua), se torna um conjunto de obras políticas mais literais e reais, a fim de dar a perceber a intolerância das pessoas com os corpos gordos a partir de comentários nos vídeos pornográficos protagonizados por Raquel com espancamento: “A pornografia não tem espaço para metáforas poéticas” (p. 236). Ela transforma a si mesma como objeto de exposição. É possível relacionar esse tema com o debate em 2017 sobre a performance *La Bête*, de Wagner Schwartz, em que o performer está nu e manipula uma réplica da série *Bichos* (1960), de Lygia Clark, no MAM, e em 2018 com a exposição “Queermuseu”, que retratou assuntos polêmicos em suas obras como “criança viada” e zoofilia no Santander Cultural. Ambas as obras tiveram uma recepção polêmica e foram boicotadas pelos conservadores.

É inevitável que o leitor tente definir quem é o “vilão” e quem é o “mocinho” entre os irmãos Tomazini. Ambos expõem qualidades e defeitos, percebem-se injustiçados, manifestando o ódio que os domina. Os dois, em algum momento da narrativa, sentem-se ameaçados por um possível julgamento de Brenda e por uma

escolha de lado da cineasta, importunando-a ao questioná-la sobre a morte de seu marido Sandro e forçando-a a dar sua opinião sobre a humanidade e sobre a vida dos irmãos. Contudo, é possível constar que o plausível “vilão” da história é bastante presente na vida de ambos e na sociedade em geral: o banco. Ele patrocina a arte, tanto de Brenda ao fazer o documentário quanto de Raquel ao fazer vídeos e apresentações performáticas; ele dá suporte à milícia, como ao Império de Alexandre e Duílio; ele manipula a economia, cobra juros abusivos e é corrupto; ele manipula a mídia e a política: “Todos os canais apoiam o governo porque são apoiados pelos bancos. Todos os ministros que deixam o cargo vão trabalhar num banco” (p. 8).

É perceptível a polarização entre esquerda e direita na obra, ainda mais em nosso cenário político dos últimos anos: impeachment, onda conservadora mundial e eleição de presidentes de extrema-direita. Alexandre representa a extrema-direita evangélica, com ideias que giram em torno do lucro financeiro e da moral religiosa; já Raquel representa a esquerda, que aponta para os golpes de sessenta e quatro e de dois mil e dezesseis, que luta pela quebra dos padrões estéticos e sociais a partir de sua arte combativa. Como Alexandre torna-se deputado federal, membro da bancada evangélica, há uma piscada de olho para a política atual, em que existe a mistura de política e religião, mesmo com a suposta laicidade do Estado promulgada na Constituição de 1988. Será possível o diálogo entre dois lados extremos? A incomunicabilidade que permeia a vida dos irmãos Tomazini torna-se uma alegoria da sociedade atual. Não é à toa que o título *Solução de Dois Estados* é também o nome da proposta de coexistência pacífica entre Israel e Palestina.

Como já mencionado, a obra de Laub evoca diversos assuntos contemporâneos e polêmicos e, mesmo que por vezes caia em alguns clichês, como o Brasil violento em que Sandro foi assassinado e depois roubado e as mulheres que agem motivadas pelos homens (Brenda faz documentários por causa do marido falecido e Raquel grava filmes por causa de problemas em se relacionar com homens), contribui para a reflexão sobre a sociedade atual. A frase final do livro evoca a força de Raquel na rivalidade com seu irmão e com a sociedade intolerante: “Eles (Alexandre, Império, conservadores em geral) são o futuro, mas o futuro também sou eu” (p. 241). Assim como em *Carteira de Identidade*, Raquel se propõe a não ser mais uma na multidão, lutará contra o

conservadorismo com a sua arte, não aceitando se adaptar aos moldes sociais atuais e, pelo contrário, planejando alterá-los.

Marina Bonatto Malka
Universidade Federal do Rio Grande do Sul